

Livros e leituras, bibliotecários e catálogos nos mosteiros de Santa Cruz, Coimbra e de S. Vicente de Fora, Lisboa (séculos XVIII-XIX)

Books and readings, librarians and catalogues at the monasteries of Santa Cruz, Coimbra and of S. Vicente de Fora, Lisbon (18th-19th centuries)

Fernanda Maria Guedes de Campos¹

RESUMO

Abordamos neste artigo duas bibliotecas religiosas, ambas pertencentes à Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, através da análise de alguns dos seus catálogos, dos séculos XVIII e XIX. Para a biblioteca de Santa Cruz de Coimbra damos voz aos testemunhos do seu bibliotecário D. Pedro da Encarnação, plasmados na obra de Rocha Madahil, 1937. Para a biblioteca de S. Vicente de Fora, de Lisboa, estudámos três catálogos manuscritos (BNP. COD. 7400, 7402 e 7405). O objetivo principal deste artigo foca-se, por um lado,

1 Doutorada em História (NOVA FCSH) e Pós-Graduada em Ciências Documentais (FLUL) ; <https://orcid.org/0000-0001-7509-3078>; fmgcampos@netcabo.pt

na organização dos catálogos e, por outro lado, nos comentários a obras e autores que os respetivos bibliotecários adicionaram aos respetivos registos bibliográficos. Como estudo de caso, apresentamos e comentamos as entradas feitas nos catálogos das duas bibliotecas para Luís de Camões e suas obras.

PALAVRAS-CHAVE

Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, Séculos XVIII-XIX; Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Biblioteca; Catálogo de Frei Pedro da Encarnação; Mosteiro de S. Vicente de Fora de Lisboa. Biblioteca; Catálogos; Luís de Camões. Obras. Santa Cruz de Coimbra; Luís de Camões. Obras. S. Vicente de Fora de Lisboa.

ABSTRACT

In this article we present a study of two religious libraries, both belonging to the Order of Canons Regular of Saint Augustine, by using some of their catalogues, from the eighteenth and nineteenth centuries. For the library of Santa Cruz de Coimbra we used the testimonies of its librarian D. Pedro da Encarnação, embodied in the work of Rocha Madahil, 1937. For the library of S. Vicente de Fora, in Lisbon, we studied three manuscript catalogues (BNP. COD. 7400, 7402 and 7405). The main objective of this article focuses first on the organization of the catalogues and, secondly, on the comments related to works and authors that the respective librarians have added to some bibliographic records. As a case study, we present the records made in both libraries' catalogues for Luís de Camões and his works.

KEYWORDS

Order of Canons Regular of Saint Augustine, 18th-19th centuries; Monastery of Santa Cruz, Coimbra. Library; D. Pedro da Encarnação's catalogue; Monastery of Saint Vincent de Fora, Lisbon. Library; Catalogues; Luís de Camões. Works. Santa Cruz, Coimbra; Luís de Camões. Works. Saint Vincent de Fora, Lisbon.

INTRODUÇÃO

Para quem investiga a História do Livro, da Leitura e das Bibliotecas, em Portugal, é fundamental o encontro com catálogos, róis ou

inventários que informam, de modo mais ou menos circunstanciado, sobre os livros e as potenciais leituras que existiram em antigas bibliotecas quer privadas quer coletivas, com destaque para as distintas livrarias dos extintos conventos e mosteiros, em 1834.

Na escolha do tema prevaleceu o conhecimento da importância dada às bibliotecas pelos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho e que encontramos plasmada nos grandes mosteiros de Santa Cruz, em Coimbra e de S. Vicente de Fora, em Lisboa. Ainda que hoje subsistam exemplares que podemos reconhecer pela marca de posse e que integram, sobretudo e respetivamente, as coleções da Biblioteca Pública Municipal do Porto e da Biblioteca Nacional de Portugal, entendemos que seria mais interessante e fundamentado, fazer um estudo sobre catálogos que os bibliotecários de ambos os mosteiros prepararam, no final do século XVIII o de Santa Cruz e já no século XIX, o de S. Vicente.

Neles se encontram não só as referências às obras existentes, como seria natural, mas também a descrição do método utilizado para organizar e descrever as obras a seu cargo. Nas explicações e comentários que vão fazendo a certas edições e/ou autores podemos reconhecer os saberes que possuíam e os problemas que enfrentavam na gestão das respetivas coleções. Neste artigo, procuraremos dar voz aos bibliotecários de ambos os mosteiros e analisar os catálogos que prepararam.

Para um conhecimento mais sustentado recorreremos ao estudo de Joaquim Teixeira de Carvalho sobre a livraria de Santa Cruz (1921) onde o grande protagonista é o bibliotecário D. Pedro da Encarnação². Para a livraria de S. Vicente de Fora utilizámos, em especial, dois catálogos preparados já no século XIX por um anónimo bibliotecário³.

2 O estudo em questão refere-se ao catálogo *Bibliothecae Regii Monasterii S. Crucis Collimabriensis Catalogus Secundum Auctorum Cognomina Ordine Alfabético dispositus* [...] 2 vol. [finais do século XVIII, inícios do XIX]. BGUC. Ms 1828-1829.

3 *Catalogo dos Livros que se achão nesta primeira Caza da Bibliotheca de S. Vicente*. 1824. BNP. COD 7402. *Catalogo alphabetico desta Segunda Caza*. [1824?]. BNP. COD. 7400.

A terminar, após apresentação dos métodos que ambos seguiram e dos vários comentários que fizeram, no decorrer da escrita dos respectivos catálogos, escolhemos, como exemplo, as referências às obras de Luís de Camões, autor representado nas duas bibliotecas, pela importância inegável que sempre teve na história literária de Portugal e pela oportunidade da celebração dos 500 anos do seu nascimento⁴.

As bibliotecas dos mosteiros de Santa Cruz, Coimbra e de S. Vicente de Fora, Lisboa

Estudar bibliotecas de instituições religiosas regulares do Antigo Regime obriga, naturalmente, a conhecer o contexto em que surgiram e se desenvolveram, por forma a revisitar a importância da presença do livro e a sua utilidade nas comunidades religiosas. Nos mosteiros e conventos de qualquer época, ordem, congregação ou género, a presença dos livros era uma exigência natural da forma de vida consagrada. Com maior ou menor dimensão, variedade temática, organização e riqueza, a livraria ou biblioteca era um espaço estruturante como o eram a igreja, a sacristia, o refeitório, o claustro... ou seja, as partes que constituíam obrigatoriamente a construção de uma instituição regular. Destinava-se ao uso de quem, nesse espaço, habitava, ainda que seja conhecida a abertura de muitas delas, sobretudo no século XVIII, à consulta não só de religiosos da mesma ou de outras ordens, mas também ao público em geral (GIURGEVICH; LEITÃO 2016).

A sua missão primordial consistia em garantir a presença dos textos necessários para que os membros da comunidade obtivessem a necessária formação em matéria religiosa constituindo-se assim, ao

4 Para o efeito utilizámos o *Catálogo dos Livros da Livraria do Real Mosteiro de S. Vicente de Fora dividido em Sette Classes*. [1769-1770]. BNP. COD. 7405.

longo de séculos, num sustentáculo espiritual expresso pela palavra escrita (PETERSON 2010). Não obstante, mesmo no período anterior ao advento da imprensa em caracteres móveis, já as bibliotecas das casas religiosas da Europa, sobretudo as maiores, possuíam outro tipo de textos que compreendiam, por exemplo, a Jurisprudência, a Medicina ou a História (BELL 1999).

As ordens monásticas tradicionais e também as canónicas de que destacamos, em Portugal, a Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho⁵ a que pertencem os mosteiros de Santa Cruz de Coimbra (1131-1834) e de S. Vicente de Fora em Lisboa (1147-1834) orientaram, desde o início, as suas livrarias para a constituição de um cânone escrito adaptado à importância política, social, religiosa e cultural que se lhes reconhecia, sobretudo nos primeiros séculos de vida da nação portuguesa. A criação de *scriptoria*, ou seja, centros de produção de textos manuscritos, muito contribuiu para o desenvolvimento das suas livrarias com obras copiadas ou produzidas nos mosteiros, sendo que também houve outras adquiridas no exterior⁶. Já no paradigma do objeto impresso, a multiplicação e diversificação de textos que o Humanismo potenciou, deu a estas (e a tantas outras bibliotecas religiosas) novas possibilidades de adquirir e permitir o acesso a livros que davam a conhecer e divulgavam novos saberes. Aliás, em ambos os mosteiros chegaram a imprimir-se livros⁷. Atravessando

5 V. a propósito SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, dir. - Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. In *Ordens religiosas em Portugal: das origens a Trento – Guia Histórico*. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2016, p. 175-182 e CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de – *A ordem das Ordens religiosas: roteiro identitário de Portugal (séculos XII-XVIII)*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2017, p. 110-128.

6 Cf. NASCIMENTO, Aires A. - *Catálogo dos Códices da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Porto : Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1997. Acessível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55834>. Decorreu, recentemente no Porto entre fevereiro e abril de 2025, a exposição “Revelação – Manuscritos Sagrados de Santa Cruz de Coimbra”. Nela se apresentava um conjunto de códices medievais raros da Biblioteca Pública Municipal do Porto, provenientes da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz. Pode agora ser visitada virtualmente no Museu do Porto.

7 A título de exemplo, referimos para Santa Cruz, o *Epistolarum*, obra de S. Jerónimo (c. 343-420), com impressão cuidada, uma bela xilogravura representando o Santo e em cujo colofão se

momentos ora de florescimento ora de apagamento, Santa Cruz e S. Vicente de Fora, procuraram acompanhar as reformas religiosas, manter vivo o importante estatuto de panteão régio e desenvolver e atualizar as suas coleções bibliográficas. Podemos, assim, encontrar em Santa Cruz e em S. Vicente, as três características principais que o historiador Claude Jolly⁸ enuncia, para caracterizar as antigas bibliotecas religiosas: capacidade de durar, austeridade e peso da tradição.

A longa duração é, na maioria dos casos, verdadeira e demonstrável até na resiliência face a desastres naturais, como incêndios ou o terramoto de 1755, e outros derivados das mãos dos homens, como sucedeu aquando das invasões francesas⁹. Quanto ao mosteiro de S. Vicente de Fora verificou-se num e no outro caso que enunciámos, uma evidente superação das perdas, perceptível nos catálogos elaborados em 1824 (BNP. COD. 7400 e 7402). A permanente atenção ao que de novo se publicava combinou-se, aliás, com o interesse em substituir obras perdidas. A austeridade das bibliotecas religiosas tem um valor relativo, dependendo do tipo de instituição, da ordem a que pertence, do local e da época em que se encontrava. O peso das obras de natureza religiosa é, naturalmente, expressivo. Veja-se, como

lê: Conimbricæ : apud Coenobium Diue Crucis, MDXXXVI. Cf. BNP. RES. 1126 P. Acessível em: https://purl.pt/23036/4/res-1126-p_PDF/res-1126-p_PDF_24-C-R0150/res-1126-p_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf. [visualizado em 2025.09.10]. Outra obra com xilografia e as armas do mosteiro é o *Ordinario e ceremonial da Ordem dos Conegos regulares da ordem do be[m] aaventurado nosso Padre sancto Augustinho, & da congregacão de sancta Cruz de Coimbra*. Coymbra : Canonicos regulares do Moesteyro de sancta Cruz, 1563. Cf. BNP. RES. 1179//1 P. Acessível em: <https://purl.pt/23038>. [visualizado em 2025.09.13]

Dos prelos de S. Vicente temos, por exemplo, as *Ordenações e leys do Reyno de Portugal Novamente impressas e acrescentadas... por mandado do... Rey D. João V*. Lisboa: no Mosteiro de S. Vicente de Fóra, Camara Real de Sua Magestade, 1747. 5 vol. Cf. BNP. S.C. 1104-1106 A.

8 Unité et diversité des collections religieuses. In: *Histoire des bibliothèques françaises*. Paris: Promodis: Cercle de la Librairie, vol. II – Les bibliothèques sous l’Ancien Régime, 1530-1789, pp. 11-29.

9 O Mosteiro de S. Vicente de Fora chegou a ser ocupado por tropas de Junot pelo que é previsível que, entre os roubos que praticaram, também tenham levado livros. No caso de Santa Cruz, refere Joaquim Teixeira de Carvalho: “Com a invasão dos francezes foi a livraria do mosteiro roubada (1810), orçando-se a perda em muito mais de duzentos mil reis, sem que possa saber-se ao certo quanto, por não haver catálogo dos livros que ultimamente se tinham comprado” (ob. cit., p. 21).

exemplo, a súmula das matérias que se guardavam nas bibliotecas das 61 casas religiosas que apresentaram o rol dos seus livros em cumprimento do Edital de 10 de julho de 1769 e a sua percentagem e relevância: Teologia (55%), História (17%), Belas Letras (11%), Jurisprudência (9%), Filosofia (3%), Medicina (2%) e Matemática (1%)¹⁰.

Finalmente, o peso da tradição que nestas bibliotecas lhes advinha não só da longevidade das instituições a que pertenciam, mas também da estabilidade do escrito religioso. Nas *Constituições para o uso, e Governo dos Conegos Regulares de S. Agostinho, da Congregação de Santa Cruz de Coimbra*, feitas de acordo com a reforma de Frei Gaspar da Encarnação (1685-1752) determina-se no Cap. 14 “Das Livrarias dos Mosteiros”, f. [236 r e v]:

“[...] Nas livrarias haverá Biblia Sacra, Concordancia, Expositores a ella, Santos Padres, Concilios, Textos de hum e outro Direito, Livros de hum e outro Direito, de Moral, e de Historia Ecclesiastica, Constituições dos Bispados, Ordenação do Reyno, Livros de Philosophia, e Theologia especulativa, e dogmática; principalmente no Collegio; e todos os mais livros que parecerem convenientes para o uso, e boa instrução dos Religiozos; de sorte que nunca falte o necessário para se poderem expedir bem as obrigações, que cada hum tiver pelo seo emprego.”¹¹

Não obstante, a preocupação que S. Vicente e Santa Cruz tiveram em manter uma “biblioteca viva” e de perfil “enciclopédico” através das aquisições bibliográficas que faziam, assenta, por um lado, na tradição do cânone religioso que, obviamente, não deixaram de prosseguir, mas revela, por outro lado, uma dimensão mais ampla que se espelha no colecionismo dos diversos saberes e na constante

10 Cf. CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de – *Para se achar facilmente o que se busca: bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (séc. XVIII)*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015, p. 67-95.

11 *Apud* GIURGEVICH, Luana; LEITÃO, Henrique – *Clavis bibliothecarum: catálogos e inventários de livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834*. Moscavide: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016, p. 500.

atualização das suas coleções. Assim, nestas bibliotecas de duas das maiores e mais antigas instituições religiosas portuguesas, tomamos conhecimento, através dos seus catálogos, que atrás referimos, com obras impressas desde o século XV abrangendo temáticas muito variadas, para não falar de coleções de manuscritos, música, gravuras e mapas. Sobressaem, naturalmente, os textos de natureza religiosa, mas encontram-se também importantes coleções de obras de História, Jurisprudência, Belas Artes incluindo Música, Matemática e Ciências várias¹². As bibliotecas religiosas dos grandes estabelecimentos, como Santa Cruz e S. Vicente de Fora, configuram, na realidade, o ideal da Biblioteca de Alexandria, procurando, dentro do possível, acumular todo o saber disponível.

Bibliotecários e seus catálogos: a ordem dos livros

Gabriel Naudé (1600-1653) foi um bibliotecário francês que trabalhou para o cardeal Richelieu e para o cardeal Mazarino e nesta transcrição do seu livro *Advis pour dresser une bibliotheque*, revela-nos a importância da organização dos saberes e da ordem que os livros deviam ter numa biblioteca, comparando de certo modo, os bibliotecários aos chefes e capitães de um exército:

« [...] de l'ordre & de la disposition que doivent garder les livres dans une Bibliotheque: car il n'y a point de doute que sans icelle toute nostre recherche seroit vaine & nostre labeur sans fruct, puis que les livres ne sont mis et reservez en cet endroit que pour en tirer service aux occasions qui si presentent. [...] Je dis davantage que sans cet ordre & disposition tel amas de livres que se peust estre, fust-il de

12 V. por exemplo, os livros de Medicina, em PERICÃO, Maria da Graça – A biblioteca da botica do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. *Ágora. Estudos Clássicos em debate*, n. 14.1, 2012, p. 27-43. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3210/321027644003.pdf> [visualizado em 2025.09.18]

cinquante mille volumes, ne meritoit pas le nom de Bibliotheque, non plus qu'une assemblee de trente mille hommes le nom d'armee, s'ils n'estoient rangez en divers quartiers sous la conduite de leurs Chefs & Capitaines [...] ». (NAUDÉ 1627, t.I, p. 130)

Nas bibliotecas das antigas instituições religiosas, competia aos bibliotecários assegurar a ordem pela qual se deviam arrumar os livros e, enquanto intermediários entre o livro e o prospetivo leitor, incumbia-lhes também assegurar que o uso privado das obras da biblioteca, embora sujeito à autorização do Superior, não punha em causa a integridade da coleção. O bibliotecário devia ser letrado por forma a saber escolher e adquirir as obras mais adequadas à sua comunidade e era também necessário que tivesse os conhecimentos para elaborar inventários ou catálogos a fim de assegurar a correta intermediação entre o livro e o seu leitor¹³. Relativamente às competências, vem a propósito, recordar o comentário de D. Pedro da Encarnação, bibliotecário de Santa Cruz, no catálogo que organizou por finais do século XVIII, onde exorta à necessidade de o bibliotecário possuir saber prático para além do bibliográfico:

“ [...] e com esta ocasião e motivo aviso aqui ao Prelado e Consilia-
rios, a quem pertencer a nomeação do novo Bibliothecario, q. p.^a esta
Occupação devem escolher Sujeyto, não só Bibliophilo, mas também
bom Bibliographo; q. seja dotado de juiso maduro, desinteressado,
e ainda (p.^a assim o dizer) malicioso, p.^a conhecer os enganos de q.
se valem os Mercadores, com q. he preciso tratar, p.^a fazerem o seu
negocio. Explico-me. Não basta q. o Bibliothecario seja um Santinho,
e Doutor pela Universidade, se lhe faltarem Outras mujtas qualidades,
q. o fação digno deste emprego.”¹⁴

13 Cf. CAILLET, Maurice - Les bibliothecaires. In: *Histoire des bibliothèques françaises*. Paris: Pro-
modis: Cercle de la Librairie, 1988, vol. II, p. 373-389.

14 Apud CARVALHO, Joaquim Teixeira de - *A livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*.
Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921, p. 29.

A organização dos catálogos das bibliotecas religiosas no século XVIII e inícios do XIX mostram-nos, na maioria dos casos, o conhecimento que os bibliotecários tinham, especialmente porque adquiriam vários manuais bibliográficos. Já não era apenas o *Advis*, de Gabriel Naudé, era, por exemplo a obra do livreiro Guillaume François De Bure (1731-1782) *Bibliographie instructive ou Traité de la connaissance des livres rares et singuliers [...]*, editada em Paris, em 7 volumes, entre os anos de 1763 e 1768, com Suplementos, a qual existia em Santa Cruz¹⁵ e em S. Vicente de Fora, integrando um conjunto de “Tratados” e “Manuais bibliográficos” considerados necessários. Nessas obras, apresentava-se o modelo de catálogo alfabético de autores que devia integrar entradas remissivas sempre que existisse, por exemplo, mais de uma forma de nome para determinado autor, e propõem-se índices de títulos, assuntos ou outros considerados úteis para os utilizadores das bibliotecas poderem encontrar as obras que procuravam.

O modelo de catálogo organizado por assuntos onde as referências bibliográficas se distribuíam de acordo com uma tabela de matérias previamente definida, também foi experimentado em várias bibliotecas religiosas, por iniciativa dos bibliotecários, não esquecendo os catálogos ordenados pela Real Mesa Censória, no Edital de 10 de julho de 1769, que algumas dezenas de bibliotecas religiosas cumpriram. O recurso a um ou vários Índices, em vez de catálogo de assuntos, foi utilizado e nalguns casos, também incluía um índice topográfico¹⁶. Em qualquer dos modelos, o bibliotecário podia apresentar o método que tinha seguido, fazer, por vezes, referência às dificuldades que encontrara e às decisões que tomara, e, principalmente, devia explicar o modo de pesquisar no catálogo.

15 Transcrita em CARVALHO 1921, p. 12.

16 Damos, como exemplo, o *Index librorum qui in Bibliotheca Canoniarum Domus S. Joannis Evangelistae asservantur*. 1763. BNP. COD. 7437. Trata-se de um conjunto de índices de assuntos com referências bibliográficas sucintas e indicação das respetivas cotas feito pelo anónimo bibliotecário do convento de S. João Evangelista (também conhecido pela invocação de S. Bento) de Xabregas, da Ordem dos Cônegos Seculares de S. João Evangelista. Cf. CAMPOS 2015, p. 174-178.

Em Santa Cruz de Coimbra, segundo Teixeira de Carvalho, D. Pedro da Encarnação então com 18 anos, “começou a ocupar-se da livraria do convento em 1748, por amor dos livros tendo a princípio, muitas contrariedades que só foram desaparecendo à medida que ia ganhando autoridade para corrigir abusos velhos e inveterados. [...] São quatro os volumes que [...] escreveu sobre a catalogação dos livros do mosteiro de Santa Cruz – *Bibliotheca*, *Appendix* e *Index* (2 vol.)”. (pp. 5-6). A escolha dos livros mereceu-lhe algumas interessantes considerações:

“E geralme[n]te falando, sou de parecer, q. as Livrarias publicas, e de Comunidades devem ser huns como Depositos, em q. Se guardem diversas ediçoens de Livros, não Só para erudição dos Bibliotecarios, mas também m.tas vezes para a necessária averiguação, e exame de vários pontos, e questões q. controvertem [...]. Não digo q. se Compre[m] todas as Ediçoens diversas q. se fizerem de qualquer Auctor, sendo puramente reimpressões do q. já houver na Livraria, mas sendo acrescentadas com mais alguma Obra do mesmo Auctor, ou ilustradas por Outros com Notas, addiçoens, ou Correçoens, devem-se procurar, e conservar”. (p. 15)

No modelo que utilizou no catálogo ordenavam-se, alfabeticamente, as referências pelo apelido ou nome mais conhecido do autor, pelo título quando a autoria era desconhecida ou se tratava de obra com vários contributos e de seguida ao nome do autor vinha o título completo, local de edição, nome do editor e data, número de volumes, quando se justificava, e indicação do formato bibliográfico. Por vezes ao nome do autor acrescentou menção da profissão, da ordem religiosa a que pertencia ou outra informação que considerava importante. As notas que acrescenta, para esclarecer ou valorizar a obra, o autor ou a edição, denotam os vastos conhecimentos de D. Pedro da Encarnação. Transcrevemos algumas que considerámos significativas, reportando-nos à obra de Teixeira de Carvalho:

Perante a existência de uma edição contrafeita escreve, mostrando assim o seu saber bibliográfico:

“Na Bibliotheca vay descrito o Livro *Combate espiritual*, traduzida pelo P.e D. Tomas Bequrman. Lisboa, na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1707 – 8º. Achey outro (q. conservo) Em tudo Similhante; porq. athé diz ser da mesma Officina e Anno; similhante digo, porque tem o mesmo q. se acha no outro Vol. e pela mesma Ordem. Mas conhece-se m.to bem pelo papel e Letra, E outras particularidades q. se observão, conferindo-se q. huma das Edições he Contrafeyta.” (p. 19).

O recurso a bibliografias que cita, também lhe serviu de apoio nas suas escolhas aquisitivas que, no caso, até permitiram um preço mais razoável:

“Vocabolario degli Accademici della Crusca – Impressione Napoletana. Secondo l’ultima di Firenze; cn la Giunta di molte Voci raccolte degli Autori Approvati dalla Stessa Accademia. In Napoli 1746-1748. A Spese di Giuseppe Ponzelli; nella Stamperia di Giovanni di Simone. Tom. e vol. 6 – in folio. Mr. DE BURE na sua *Bibliographia instructiva* diz (n. 2304) q. a 4ª Impressão deste Vocabolario em Florença de 1729 e Seguintes he preferida a esta de Napoles por Ser esta ultima muyto menos bella e menos correcta. Porem eu atendendo a q. na Livraria havia já a 3ª edição de Florença; e q. nesta Napolitana vem hum grande Supplemento, q. se não acha na Edição 4ª de Florença, julguey necessário o comprala. Por ella dey 9600 reis e pela dita 4ª Edição de Florença me pedião 19200.” (p. 25).

No terceiro e último exemplo que escolhemos, D. Pedro da Encarnação apresenta a referência bibliográfica antecedida de uma nota biográfica sobre o autor e, em nota, refere e justifica a necessidade de comprar novos exemplares da obra, dando ainda uma informação elogiosa sobre os autores:

“SOLEDADE, (Fr. Fernando da) nascêo no Porto a 17 de Agosto de 1663, tomou o habito de S. Francisco no Convento de S. Antonio da Figueyira em 1682, e Sendo Provincial fallecêo quasi no fim do trienio Em S. Francisco de Lisboa a 29 de Dezembro de 1737.

- *Historia Serafica Chronologica da Ordem de S. Francisco*, na Provincia de Portugal. Tomo Quinto. Refere os seus progressos em tempo de cento e quarenta e seis annos, do de 1569 até o de 1715, aos quaes ajuntou as memorias dos tres Seguintes &. Lisboa Occidental, na Officina de Antonio Pedrozo Galvam, 1721 – folio.

Comprey este 5º Tomo por 800 rs. Faltão os Tomos 3º e 4º q. compoz o mesmo Chronista, e q. eu rejeitei, por estarem muito lacerados, esperando achar outros q. nunca pude conseguir. Devem-se Comprar a todo o Custo os Cinco Tomos de toda a Obra, Se aparecer, porq. Os dois primeyros Tomos q. compoz o Chronista Fr. Manoel da Esperança estão bastante damnificados. Os Authores são doutos, pios e judiciosos”. (p. 27).

O catálogo de S. Vicente elaborado em 1824, em dois volumes, está também organizado alfabeticamente por nome dos autores, apelido ou nome mais conhecido, como em Santa Cruz, e a referência contém, por esta ordem, o título, local e data de edição, formato bibliográfico, número de volumes, em coluna própria, à direita, tal como a cota. Na margem esquerda, vão-se indicando, em maiúsculas grandes, as três primeiras letras do apelido ou nome do autor, ou ainda título se a obra for anónima, para mais rapidamente se encontrarem os nomes que se buscavam. Existem também entradas remissivas. O primeiro catálogo intitula-se *Catalogo dos Livros que se achão nesta primeira Caza da Bibliotheca de S. Vicente* (BNP. COD. 7402) e tem, no final de cada página, o somatório do número de volumes das obras referidas, o qual, no final de cada letra, vai dar origem a um total. O segundo, da mesma mão, tem apenas a indicação *Catalogo da Livraria de S. Vicente de Fora* (BNP. COD. 7400) e não tem essa contagem. A entrada pelo nome do autor faz-se, sobretudo, pelo apelido, como dissemos, não necessariamente o último, ou pelo nome próprio e nem sempre é fácil entender os critérios escolhidos.

Foram considerados como catálogos distintos e não duas partes de um mesmo catálogo devido à falta de informação específica no

segundo volume, mas a verdade é que, pelo exame, se verifica que, para além de terem a mesma estrutura organizativa e da mesma mão que os escreveu, os catálogos indicam obras diferentes. O primeiro tem as obras de História, Filosofia, Belas Letras e Jurisprudência. O segundo tem essencialmente obras de natureza religiosa, incluindo História eclesiástica e vidas de santos e de religiosos. De notar que não há índice de assuntos nem tabela de matérias e o que atrás mencionámos sobre os temas cobertos na primeira casa e na segunda, baseiam-se exclusivamente, na análise dos respetivos conteúdos.

Na folha de guarda do primeiro volume foi registado, muito provavelmente após a extinção em 1834, o título *Catalogo da Livraria do ex-Convento de S. Vicente de Fora* o que propicia o erro de se julgar que foi feito após aquela data. É também no primeiro volume que se encontra, logo no início, a “Explicação do Catalogo”, método utilizado com frequência neste tipo de catálogos e, particularmente, relevante em S. Vicente pois a biblioteca estava também aberta ao público mediante solicitação prévia.¹⁷ Vamos ver, na transcrição abaixo, algumas indicações práticas do bibliotecário que nos revelam princípios organizativos que presidiram à redação dos catálogos:

“Modo de achar os Livros. Todos os Livros estão arranados em Ordem alfabética; se tem Autor o seu nome próprio, ou o Sobrenome mais notável se aponta no Catalogo na Letra correspondente, se he Anónimo o titulo mesmo do Livro he quem o fará conhecer no Alfabeto por exemplo queiro achar António Pereira de Figueiredo procuro = Pereira= por onde ele hé mais conhecido e acho estarem os seus Elementos de Rhetorica Est. 8ª que quer dizer = Estante oitava= hé verd.^e que pode estar em toda a Est.^e que contem 8 Partelleiras

17 Cf. LINK, Heinrich Friedrich – *Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Espanha*. Tradução, introdução e notas Fernando Clara. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2005, p. 139 onde se lê: “Uma terceira biblioteca [já referira a Real Biblioteca Pública e a do convento de Jesus] no convento de S. Vicente de Fora, não é com efeito pública, mas para a poder frequentar regularmente basta ser apresentado. Inclui uma colecção muito completa, até das mais pequenas obras portuguesas.”

porem como no Catalogo também se acha o formato do Livro se hé em 8º ou 12º escusado hé procurallo nas 4 primeiras casas abaixo e se hé em folio ou quarto igualm.º he escusado procurallo nas 3 ultimas de cima. [...] Se o Livro não tem Nome o mesmo titulo o classifica no Catalogo p.º Exemplo = Dictionnaire= Abbregee= Grammaire= Histoi-re= Pensees= Idee= &c. todos se procurão nestes mesmos títulos. [...]

Advertências. 1ª - No fim de cada Letra há huma pagina que con-tem os L.os de novo mettidos ou outros que escaparão á ordem da Classificação [...] 2ª - Cada hum dos Livros hé notado na própria lingua emq. esta escrito menos os Alemães eos das Lingoas Orientais q. poucos entendem. 3ª - As traducções vão classificadas nos Originais e os commentadores vão abaixo dos Autores Commentados.

Particularidades a notar. Procurei com o maior cuidado arranjar os nomes exactamente pela ordem alfabética e apesar disto muitos ficarão fora [...] Deffectuoso como está tem huma vantagem q. senão encontra nas Bibliographias e vem a ser = Todas as vezes que a obra não hé conhecida pelo seu titulo e que ou por ser exótico o Autor ou por affetado dai deixou em duvida a matéria que se propôs trar no Catalogo se ajunta a dita obra huma explicação p.ª que não haja quem ou por ignorância deixe de a ler ou por ignorância tenha curiosidade de a ler. [...]”¹⁸

Estas explicações que o “Bibliothecario” (assim designado sem menção do nome) deixou expressas no catálogo e que datou de 2 de julho de 1824, permitem-nos encontrar vários aspetos relativos à ordem dos livros e à sua acessibilidade. Salientamos a escolha do nome do autor pela forma como “he mais conhecido” e “notado na propria lingua”, com algumas exceções. Estas opções podem justificar os casos que encontramos de autores com apelidos, mas que entram pelo nome próprio no catálogo. Damos como exemplos *Damião Antonio de Lemos de Faria e Castro*, como forma escolhida e a remissiva

18 BNP. COD. 7402, p. [2-3]. V. transcrição completa em GIURGEVICH; LEITÃO, 2016, p- 84-86.

de *Candido Lusitano* que manda ver *Francisco José Freire*, qualquer dos nomes sem transposição.

Em muitos casos, o bibliotecário acrescentou ao nome do autor alguns dados biográficos. Outro aspeto interessante que verificamos ao compulsar o catálogo é que, debaixo do nome de um determinado autor, se encontram todas as obras que dele existiam na biblioteca e suas edições, bem como os comentários às mesmas e as traduções. As entradas dos nomes dos tradutores e dos comentadores também constam no catálogo, mas sob forma de remissivas. Quanto aos “livros sem nome” [de autor] a entrada faz-se pelo título. De notar ainda a prática de agregação por géneros que também se encontra em outras bibliotecas religiosas, a fim de permitir uma pesquisa mais rápida e consistente. Destacamos, sobretudo, os Dicionários, que estão organizados por línguas.

A comparação com o catálogo de Santa Cruz parece evidente na metodologia escolhida, desde as páginas em branco para acrescentar novas referências até à inclusão de entradas também para os nomes de tradutores e comentadores sob forma de remissivas e à apresentação de todas as obras de determinado autor sob a mesma rubrica quer fosse por ele escrita, traduzida ou comentada. Porém, se atendermos ao minucioso trabalho de D. Pedro da Encarnação, verificamos que as referências bibliográficas, no geral, não são tão completas o que se nota, sobretudo, na transcrição dos títulos. Acresce que as interpolações são muitas (algumas quase ilegíveis) o que prova que o catálogo se foi atualizando (encontrámos, por acaso, uma obra de 1826...) ou então que pode ter existido uma primeira redação que deixara de fora algumas obras. Outra questão a considerar, para além da escrita apressada e das várias inclusões posteriores, tem a ver com o próprio aspeto do catálogo, útil sem dúvida, mas de escrita apressada e com várias correções até nas três letras que encimam cada folha. Serviu também (melhor diríamos, sobretudo...) para anotar mudanças de cota, praticamente em todas as páginas, o que revela a existência de uma nova arrumação posterior à sua elaboração.

Para além das Explicações que dá no início do Catálogo citado, o bibliotecário acrescentou comentários em diversas referências, especialmente, quando indica que o título de determinada obra é pouco explícito ou porque foca uma matéria que convinha esclarecer ou ainda para elogiar o autor. Damos alguns exemplos:

A propósito do “Verdadeiro Methodo de Estudar”, cuja referência está na letra B em Barbadinho, diz: “Esta obra excellente effeito da singular coragem do seu Autor foi feita pelo P.e Luiz António Verney”. (*Id.*, p. 19).

Na entrada referente à obra de José Pereira Baião, “Chronica del rey D. Pedro 1º, rei de Portugal”, esclarece: “Esta chronica he a m.ma q. vem nos Inéditos de F. Lopes”. (*Id.*, p. 23).

Para a obra de Luís Cardoso, “Diccionario geographico ou noticia histórica de todas as cid.es villas e lugares de Portugal e Algarves”, editada em 1751, refere: “Esta bellissima obra ficou incompleta cheg. so a Cavaleiras”. (*Id.*, p. 47).

Na referência à conhecida “Encyclopedie ou Dictionnaire raisonné des Arts et ds Metiers”, para além de especificar o que são os volumes de texto e os de Índice, “planches” e Suplementos, aponta: “Esta he a Enciclopédia antiga [a biblioteca tinha muitas enciclopédias e mais modernas] feita por Diderot e D’Alembert e trata das Matérias pela Ordem Alfabética e eis aqui a sua descripção Bibliographica”. (*Id.*, p. 94).

O comentário assume também uma função de esclarecimento de conteúdo, como na obra “Histoire chronologique du dernier siècle”, publicada em 1715 onde se lê “Contem os fatos mais memoráveis de 1600 a 1700”. (*Id.*, p. 139).

As Miscelâneas podem ter, igualmente, uma nota sobre o que nelas se continha: “Historia de Portugal He huma Collecção que con-tem varias peças relativas a Acclamação do Snr. Rei D. João IV e são destes AA. Anto. Paes Viegas, Fr. Fran.co Brandão, João Pinto Ribr.º. Lisboa, 1641”. (*Id.*, p. 144)

Por vezes o comentário é seco nas observações, como o que fez à obra de João Baptista de Castro, “Mappa de Portugal antigo e moderno”, publicada entre 1762 e 1764, onde se lê “He huma resumida estatística de todo o reino de Portugal”. (*Id.*, p. 154).

Noutros há esclarecimentos sobre a opinião do autor, como o da obra de Pedro de Sousa Pereira, “Maior triunfo da Monarchia Lusitana”, publicada em 1649, onde se lê “Quer dizer q. a visão de Christo ao S.r D. Affo. Henriques foi verdadeira”. (*Id.*, p. 229).

Mas o comentário pode ser, na realidade, uma informação até muito prática, como o do “Atlas universel”, de Robert Vagondy, editado em 1757: “Este L.º fica por cima da Meza g[rand]e p.r ser m.to pesado”. (*Id.*, p. 301).

Camões em Santa Cruz e em S. Vicente: um caso de estudo

Como é sabido, o êxito de *Os Lusíadas*, publicado pela primeira vez em 1572, justificou o aparecimento de novas edições, especialmente com comentários, e também um movimento expressivo de traduções com destaque para a língua castelhana. Assim, continuaram *Os Lusíadas* e igualmente as *Rimas*, individualmente ou juntos sob o título *Obras*, a ser editados, traduzidos e comentados durante os séculos seguintes. Neste ano em que se celebram os 500 anos do nascimento do poeta, escolhemos apresentar, as obras de Luís de Camões que existiam em algumas bibliotecas religiosas. Já o fizemos para a biblioteca do mosteiro dos Jerónimos onde existiu uma apreciável coleção¹⁹ e continuamos, agora, com as Camonianas das bibliotecas de Santa Cruz e de S. Vicente de Fora. Mais uma vez, é

19 V. CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de - Leituras de Camões na antiga biblioteca do Mosteiro dos Jerónimos. *Mátria Digital: Revista do Centro de Estudos Joaquim Veríssimo Serrão*. Santarém, nº 12 (dez. 2024). Disponível em: <https://matriadigital.santarem.pt/images/numero12/4.fernandacampos.pdf> [visualizado em 2025.08.20]

na obra de Teixeira de Carvalho, que nos tem servido de guia, que retirámos as referências à coleção de Santa Cruz, com os competentes comentários de D. Pedro da Encarnação.

- *Lusiadas de Luís de Camoens... Comentadas por Manuel de Faria y Sousa: en Madrid, por Juan Sanchez, 1639 – Tomos 4 – Vol. I em fol.*

“Deve-se encadernar em 2 vol. – Achey este Livro fechado entre os prohibidos, e ahi o Conseruo; posto q. julgo pode estar publico”. (*Id.*, p. 41).²⁰

- *Camoens, Luís de=Lisbonense Poeta= Os Lusiadas com os Argumentos do Licenciado Joam Franco Barreto, e Index de todos os nomes proprios. Lisboa Occidental na Offic. Ferreyriana, 1721. Vol. 2 in-12. “O 2º vol. contem a primeira Parte das Rhimas” (*Id.*, p. 42).*

- *Obras de Luis de Camoens. Nova edição. Paris: a custa de Pedro Gen-dron [na Officina de François Ambrose Didot], 1759. 3 vol. “com estampa”.*

- *Lusiada: poema epico: com os argumentos de João Franco Barreto; ilustrado com varias e breves Notas, e com hum precedente Apparato do q. lhe pertence de Ignacio Garcez Ferreira entre os Arcades Gelmedo. Tomo 1º em Napoles na officina Parriniana, 1731; Tomo 2º em Roma na de Antonio Rossi, 1732. Vol. 2 em 4º.*

“Este de 4º se escreverá em 1º Lugar” (*Id.*, *ibid.*).

- *Os Lusiadas / de Luis de Camoens ; com os Argumentos do Lo. João Franco Barreto; com hum Epitome de sua vida; dedicadas ao illustrissimo senhor Andre Furtado de Mendoça Deão, & Conego dignissimo da S. Sè de Lisboa, Doutor em a Sagrada Theologia, Deputado da Junta*

20 Efetivamente, Manuel de Faria e Sousa (1590-1649) reconhecido comentador das obras de Camões, fora acusado de atribuir composições a Camões que ele não escrevera e até de fazer correções aos versos porque, como afirmava no Prefácio, andavam adulterados. Esta circunstância valeu-lhe algum descrédito ao seu trabalho editorial que se agravou com a “hispanização” de que foi acusado na Inquisição, após a Restauração, pois vivera muito tempo na corte espanhola. Cf. COSTA, Joaquim - *Manuel de Faria e Sousa, cidadão do mundo e das letras ao serviço de Portugal*. Lousada: Centro de Estudos do Românico e do Território, 2012. V. a propósito ALMEIDA, Justino Mendes de - *1985 um centenário camonianos ou o desagravo de Manuel de Faria e Sousa*. Lisboa: Academia das Ciências, 1985.

dos Tres Estados do Reyno, &c. Impresso em Lisboa: a custa de Antonio Craesbeeck de Mello, 1653.

"A Dedicatoria em verso consta de 16 Outavas. Com os Lusíadas estão juntas as Rimas impressas em Volume diverso, dedicadas a o mesmo André Furtado em Prosa pelo mesmo Antonio Craesbeeck, e impressas na mesma Officina e anno." (*Id., ibid.*).

- *Obras de Luiz de Camoens, Principe dos Poetas Portugueses, Novamente reimpressas e dedicadas a o [...] Marquez de Pombal, Conde de Oeyras, Ministro Secretario de Estado, etc por Miguel Rodrigues, Lisboa na Officina de Miguel Rodrigues, 1772 – Vol. 3 em 12. Com Estampas.*

"Todas as ediçoens que temos deste nosso Celeberrimo Poeta, se devem conservar na Livraria. A Edição de 1772 tem huma Comedia etc.". (*Id., ibid.*).

Foi, sem dúvida, uma escolha criteriosa de diversas edições inclusive as dos comentadores Manuel de Faria e Sousa (1590-1649) e João Franco Barreto (1600-post 1674) os quais, aliás, se envolveram em polémicas. Das seis edições só uma é do século XVII, mostrando uma clara preferência por edições setecentistas. "Os Lusíadas" estão em maioria, com quatro edições enquanto as "Obras" têm duas, sendo uma a de Paris, 1759 e a outra, a edição com estampas dedicada ao Marquês de Pombal, impressa em 1772. De notar a ausência de edições mais antigas e também de edições autónomas das *Rimas*.

Passando, agora, para a Camoniana de S. Vicente, nada se encontrou nos dois catálogos de 1824 que atrás analisámos. Porém, recorrendo a um outro mais antigo que foi preparado para responder ao Edital de 10 de julho de 1769²¹, encontramos duas referências muito sucintas, integradas nas obras classificadas em Belas Letras (que transcrevemos como se apresentam) e às quais juntámos uma descrição mais detalhada.

Camoens, Luis de - Rimas varias Commentadas por Manoel de Faria e Souza. Lisboa, 1685. Fol. (p. [251]).

21 *Catalogo dos livros da Livraria do Real Mosteiro de S. Vicente de Fora dividido em sete classes. [1769]. BNP. COD. 7405.*

Trata-se das *Rimas varias de Luis de Camoens príncipe de los poetas heroycos y lyricos de España, ofrecidas al muy ilustre Señor D. Iuan da Sylva, Marquez de Gouvea, Presidente del Dezembargo del Paço y Mayordomo mayor de la Casa Real, etc., commentadas por Manuel de Faria y Sousa, Cavallero de la Orden de Christo, tomo I y II, que contienen la primera, segunda y tercera centuria de los sonetos*. Lisboa: en la Imprenta de Theotonio Damaso de Mello Impressor de la Casa Real, con todas las licencias necesarias, año de 1685.

Camoens, Luis – Obras. Lx.^a 1613.4^o (p. [258])

Pela data e pelo formato só poderia ser, por engano do bibliotecário, *Os Lusíadas do grande Luis de Camoens Principe da Poesia Heroica; commentados pelo licenciado Manoel Correa, Examinador synodal do Arcebispado de Lisboa...; dedicados ao Doctor D. Rodrigo d' Acunha, Inquisidor Apostolico do Santo Officio de Lisboa per Domingos Fernandez seu livreiro*. Em Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1613. Se, por outro lado, tomarmos o título como certo, estaria errada a data porque as *Obras de L. de Camoes, principe dos poetas portugueses com os argumentos do Lecenceado João Franco Barreto...* foram publicadas mais tarde, pela primeira vez, em Lisboa, por Antonio Craesbeeck de Mello e datam de 1669.

Temos, pois, uma situação singular. No catálogo de 1769, a Camoniana (se assim se lhe pode chamar...) é exígua e, nos catálogos do século XIX, já não se lhe faz referência, o que pode dever-se a perda nalgum incêndio, roubo ou extravio, por exemplo, durante o período da ocupação francesa ou da presença das tropas britânicas, pois o mosteiro serviu para seu aboletamento. São meramente hipóteses, sendo que o essencial está na pouca representação que a obra de Camões teve em S. Vicente de Fora. Quanto às edições verificamos, em comparação com Santa Cruz, a presença das *Rimas* com comentários de Manuel de Faria e Sousa, na edição de 1685, sendo que as *Obras*, a cuja edição o bibliotecário de S. Vicente atribui a data de 1613, suscita, como referimos, dúvidas de identificação.

Conclusão

Procurámos estabelecer uma narrativa comparada entre as livrarias dos dois grandes mosteiros da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, tão antigos como o reino de Portugal e que participaram ativamente na sua História, devendo-se-lhes um papel importante também na formação e no ensino. A longa duração levou a uma existência com períodos de grande florescimento e outros, sobretudo depois do Concílio de Trento (1545-1563), de vivência mais discreta, tendo em conta o surgimento de novas ordens religiosas e dos respetivos conventos e mosteiros. O gosto pelos livros e pela constante atualização das leituras reflete-se nos respetivos catálogos e verifica-se nos exemplares que hoje ainda subsistem. Quanto aos bibliotecários, fica-nos o retrato de D. Pedro da Encarnação que aqui trouxemos através do indispensável estudo de Teixeira de Carvalho, ora apresentando a sua douda opinião sobre o valor de determinadas obras, o processo e preço da aquisição e a forma de as descrever, ora revelando o seu grande saber de bibliógrafo na escolha das edições, ora, ainda, recorrendo sobre a melhor forma de arrumar os livros.

O “Bibliothecario”, seu confrade de Lisboa, é seco nas poucas apreciações, prático na resolução de questões bibliográficas e de arrumação das obras e, talvez porque a escrita se faz já em 1824, vemos que os catálogos não são cópias limpas e cuidadas, mas sim instrumentos de trabalho indispensáveis para se encontrarem os livros nas duas “Cazas” que compunham a biblioteca. Esse era, aliás, o grande objetivo dos catálogos, que se apresentam muito riscados, com muitas emendas e acrescentos. O “Bibliothecario” deixou-nos uma “explicação” do catálogo e também inseriu comentários em algumas referências bibliográficas de que transcrevemos as mais informativas. Quanto ao anterior catálogo de 1769, que nos permitiu apresentar uma percentagem das obras existentes na biblioteca de acordo com a classificação dos seus assuntos, verificou-se um espe-

cial cuidado na sua apresentação pois destinava-se a cumprir com o disposto no Edital de 10 de julho que obrigava os possuidores de livros a apresentar um rol à Real Mesa Censória, de acordo com um modelo prévio.

Num pequeno “caso de estudo” escolhemos apresentar a Camoniana das duas bibliotecas, tendo em conta a efeméride que este ano passa. Camões esteve presente nas antigas bibliotecas religiosas, mas tal como sucede com os mosteiros crúzios, tanto se encontram coleções apreciáveis e, sobretudo, adquiridas com saber, caso de Santa Cruz e, como se verificam escassos exemplares, caso de S. Vicente. Verificámos, no entanto, nos catálogos de outras bibliotecas religiosas, como referimos antes a propósito da biblioteca dos Jerónimos, uma certa semelhança na escolha das edições onde predominam as dos séculos XVII e XVIII e as que têm comentários de Manuel de Faria e Sousa e/ou de João Franco Barreto, certamente por se lhes reconhecer um valor acrescentado.

FONTES

Catalogo dos livros da Livraria do Real Mosteiro de S. Vicente de Fora dividido em sete classes. [1769]. BNP. COD. 7405.

Catalogo dos Livros que se achão nesta primeira Caza da Bibliotheca de S. Vicente. 1824. BNP. COD 7402.

Catalogo alphabetico desta Segunda Caza. [1824?]. BNP. COD. 7400.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Isabel. Edições dos séculos XVII e XVIII. In: *Camões nos prelos de Portugal e da Europa (1563-2000): a Biblioteca Camoniana de D. Manuel II, a Biblioteca Camoniana da Fundação da Casa de Bragança*, ed. José Augusto Cardoso Bernardes. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2015, pp. 23-33.

ALMEIDA, Justino Mendes de. *1985 um centenário camoniano ou o desagravo de Manuel de Faria e Sousa*, Lisboa: Academia das Ciências, 1985.

- ANASTÁCIO, Vanda. A criação de um poeta nacional: breve panorâmica das edições da lírica camonianiana entre 1595 e 1870, *Floema*, A. VI, n. 7 (jul.-dez. 2010), pp. 61-74.
- BELL, David N. Monastic libraries. In: Lotte HELLINGA, Lotte; J.B. TRAPP, dir. *The Cambridge History of the book in Britain*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, vol. 3, pp. 229-254.
- CAILLET, Maurice. Les bibliothécaires. In: *Histoire des bibliothèques françaises*. Paris: Promodis: Cercle de la Librairie, 1988, vol. II, pp. 373-389.
- CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de. Leituras de Camões na antiga biblioteca do Mosteiro dos Jerónimos. Em linha. *Mátria Digital: Revista do Centro de Estudos Joaquim Veríssimo Serrão*. Santarém, n. 12 (dez. 2024). Disponível em: <https://matriadigital.santarem.pt/images/numero12/4.fernandacampos.pdf> [visualizado em 2025.08.20].
- *Para se achar facilmente o que se busca: bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (séc. XVIII)*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015.
- CARVALHO, Joaquim Teixeira de. *A livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: Estudos dos seus Catálogos, Livros de Música e Coro, Incunábulo, Raridades Bibliográficas, Ex-libris e Curiosidades históricas*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.
- COSTA, Joaquim. *Manuel de Faria e Sousa, cidadão do mundo e das letras ao serviço de Portugal*. Lousada: Centro de Estudos do Românico e do Território, 2012.
- CRAVEIRO, Maria de Lurdes. *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*. Coimbra: Direção Regional da Cultura do Centro, 2011.
- GIURGEVICH, Luana e LEITÃO, Henrique. *Clavis Bibliothecarum: catálogos e inventários de livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834*. Moscavide: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016.
- JOLLY, Claude. Unité et diversité des collections religieuses. In: *Histoire des bibliothèques françaises*. Paris: Promodis: Cercle de la Librairie, 1988, vol. II, pp. 11-29.
- LINK, Heinrich Friedrich. *Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Espanha*. Tradução, introdução e notas Fernando Clara. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2005.
- MADAHIL, António Gomes da Rocha. D. Pedro da Encarnação e a Livraria de Santa Cruz de Coimbra. *Arquivo Coimbrão*. Coimbra, n. 2 (out. 1923), pp. 71-84.
- MADAHIL, António Gomes da Rocha. Inventário do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra à data da sua extinção em 1834. *O Instituto: jornal científico e litterario*. Coimbra, vol. 101 (1942), p. 445-573.
- PERICÃO, Maria da Graça. A biblioteca da botica do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. *Ágora. Estudos Clássicos em debate*. Em linha. N. 14 (2012), pp. 27-43. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3210/321027644003.pdf> [visualizado em 2025.05.23]
- PETERSON, Herman A. The genesis of monastic libraries. *Libraries and the cultural record*. Vol. 45, n. 3 (2010), pp. 320-332.
- SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, dir. Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. In *Ordens religiosas em Portugal: das origens a Trento – Guia Histórico*. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2016, pp. 175-182.